



# A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60. (600 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA  
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactiel Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)  
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 737

## Balburdia politica

Os recentes sucessos polti: os do nosso pobre país são bem edificantes!

Os partidos digladiam-se ferrozmente em torno do poder; e como as eleições darão o poder para muito tempo, salvo intervenção da rua, pois que o parlamento não pode ser legalmente dissolvido, ninguém quer que as eleições sejam feitas quer adversário. Todos os políticos sabem muito bem—melhor do que nós, maganões—que o parlamentarismo é uma entrojice, que são facécias das mais hilariantes o sufrágio popular, a soberania do povo, a vontade da nação, o «país que fala pela boca das urnas» e que-jandas pilhérias.

No meio da contenda e do ruído das tremendas descomposturas, ouvem-se verdades como punhos, proveitosas e registáveis, a catalogar na larga lista das que são sempre ditas pelas comadres que se arrenegam. Assim, este diz áquele que o país não tem dinheiro sequer para mandar poucos milhares de homens para a Africa, quando mais para remeter para os campos de manança da Europa vinte mil homens que sejam! E que o tal aquele bem o sabel mas anda a negociar a vida dos outros metendo o auxilio á cara da Aliada e querendo sobretudo a preparação para a guerra, com as respectivas encomendas, fornecimentos e preventivos.

De repente, por causa do castigo de uns officiaes, salta um pronunciamento militar ou coisa que o valha, uma manifestação de solidariedade do exército profissional, por ofensas á classe,—uma greve de officiaes, bem caracterizada, nada menos!

Viva a greve, com mil bombas! Não são, pois, somente os operários que recorrem a essa boa arma—e devemos esperar que os senhores officiaes sejam para o futuro mais benévolos para com os seus «camaradas» das fábricas e campos, recusando furar as suas paredes á ponta de espada, e que olhem com menos rigor para os modestos actos de indisciplina dos simples soldados rasos...

Dá-se, pois, o movimento militar, que se generaliza, quando o governo, julgando t-elo sufocado e distribuindo louvores á sna formiga branca, já o tinha dado como movimento monárquico. E aqui, grande indignação da parte da opposição e dos militares, que exigem um terminante e solene desmentide—coisa que os operários sindicalistas não haviam conseguido, quando victimas da mesma infame accusação, com aplauso ou silêncio de todos os partidos políticos.

Cruzam-se então com maior veemência as accusações reciprocas de inimigos da República: cada partido é para os outros o maior perigo contra a instituição—isto, depois de em tempos que não vão longe, terem todos feito córo para acusar os operários de andarem a comprometer o regime com as suas greves e agitações. Estamos bem vingados!

E lá se foi a terra outra vez o governo afonsista.

Em 26 de Janeiro de 1914, foram sobretudo os operários que o derribaram; em 25 de Janeiro de 1915 foram os militares.

Severa lição dos factos!

Do nosso lado foi dito e repetido aos governantes que atacar o povo ou, o que vale o mesmo, a sua parte activa e consciente, o fermento da massa, é o primeiro passo de um partido ou de um regime para a sua ruina. O povo trabalhador abandona-o, despreza-o,

combate-o—e não tarda muito que o mesmo façam as outras classes, menos ardentes, menos combativas e mais calculistas.

O partido afonsista, então, foi dos que mais arreganho e pimponice mostraram em combater, desafiar, provocar os sindicalistas, os operários.

Catrapus! Ai tem o pago. Agora grita, barafusta, geme que a liberdade está em perigo. Ele e os politicos que mais contribuíram para esta situação fingem tremer pela existência da República e falam, lívidos e assustados, da gravidade da hora. E ousam agitar o espectro da ditadura militar—os politicos, os que sempre fazem politica com o exército, os que do exército se servem sempre como instrumento necessário da sua dominação!

Os politicos!

## Como o Estado obtem

### votações favoráveis

... Dizem-me: «O sr. não pensa no que está dizendo! Todos esses factos a que chama crimes são daqui em diante factos consumados e por consequente respeitáveis: tudo isso foi aceito, tudo isso foi adoptado, tudo isso foi legitimado, tudo isso foi coberto, tudo isso foi aprovado.»

—Aceito! adoptado! legitimado! coberto! aprovado! por quê?

—Por uma votação!

—Que votação?

—A dos sete milhões e quinhentos mil votos.

—E' certo. Houve um plebiscito, uma votação que deu 7.500.000 sim. Falemos disso.

Um salteador, á frente duma quadrilha sem escrúpulos e decidida a tudo, faz parar uma diligencia no meio dum bosque.

Os viajantes são mais numerosos, mas estão separados, desunidos, metidos em compartimentos, meio adormecidos, foram surpreendidos alta noite, apanhados de improviso e encontram-se sem armas.

O salteador ordena-lhes que desçam, que não soltem um grito, que não marmorem uma palavra e que se deitem de bruços.

Como alguns resistem, faz-lhes saltar os miolos pela cabeça fóra. Os outros obedecem e deitam-se sobre a terra, mudos, imoveis, terrificados, misturados com os mortos e semelhantes a eles.

O salteador, enquanto os seus cúmplices lhes põem os pés sobre os rins e lhes apontam as pistolas á cabeça, revista-lhes as algibeiras, arromba-lhes as malas e tira-lhes tudo quanto encontra de valor.

Esvaziadas as algibeiras, saqueadas as malas, terminado o golpe de Estado, diz lhes:

—Agora, afim de me pôr em regra com a justiça, escrevi neste papel que vós reconheceis que tudo o que vos tirei me pertencia e que m'o entregais de vosso motu proprio. Quero que seja esta a vossa opinião. Meter-vos-hão, a cada um de vós, uma pedra na mão, e, sem dizer uma palavra, sem fazer um gesto, sem vos moverdes da attitude em que estais... de barriga no chão, a face de encontro á terra... estendereis o braço direito e assinareis este papel... Se alguém se mover ou falar, eis o cano da minha pistola... De resto sois perfeitamente livres.

Cheios de medo os viajantes estendem o braço e assinam.

Feito isto, o salteador ergue a fronte e exclama:

—Tenho sete milhões e quinhentos mil votos a meu favor...

VITOR HUGO.

## Os anarquistas e a guerra europeia

O camarada Emilio Costa, no seu terceiro artigo (*Germinal*, de 20 deste mês), dá-nos ainda um pouco das suas considerações filosóficas preliminares, chamando desta vez metafísico e dedutivo a Malatesta, que é, por sinal, um excelente conhecedor e observador de factos. Naturalmente, é porque Malatesta interpreta os factos de maneira diferente, ou porque porventura mete em conta factos que o nosso amigo não vê, ou ainda porque formula hipóteses e previsões diversas das de Emilio Costa...

Ilusão natural! Nós julgamos sempre que os outros não vêem os factos e raciocinam no ar e tomamos por factos as nossas próprias suposições e profecias.

Teríamos ousado dar um conselho ao amigo Emilio Costa: deixar para depois os seus considerandos puramente subjectivos, as suas conjecturas aventureiras, as suas divagações metafísicas, e entrar directamente no nó da polémica que empreendeu, criticando os artigos de Malatesta. Na discussão se veria quem conhece melhor os factos e quem induz ou deduz melhor.

Mas vamos lá á sua critica,

### Revisão de quê?

Malatesta insurge-se contra os que falam em bancarrota das nossas «fórmulas» e na necessidade as rever. E Emilio Costa exclama:

Mas quem fala em bancarrota de fórmulas e principios? Se há anarquistas que assim se exprimem, cometem, na minha opinião, grave erro e tem toda a razão Malatesta nas palavras transcritas.

As doutrinas, os principios e até a orientação geral não falham e não carecem portanto de revisão. O que creio que precisará modificar-se, é a tática, a orientação de detalhe na propaganda e na organização de forças contra a sociedade burguesa. Estas é que não deram o resultado que delas se esperava.

Mais adiante, o nosso amigo diz que a linguagem dos interventivistas prova que a sua attitude não significa acôrdo com as ideias burguesas, que todos se mostram dispostos a combater, desde que desapareça um perigo por elles considerado maior.

Está mal informado. Houve mesmo quem chegasse a proclamar a morte do anarquismo, quem defendesse o patriotismo e quem propusesse a substituição do internacionalismo socialista e anarquista pelo mazzinianismo. E não se trata de casos «patológicos» logo repudiados, mas de opiniões autorizadas, de nomes conhecidos... Mas tomemos mesmo os mais moderados e circunspectos—os que, naquella curiosa escada de graus arranjada por Emilio Costa, se ficam pelo meio ou pelo principio, não se sabe bem com que critério.

Não é um abandono de principios o que Monatte atribui á maioria do Comité Confederal da C. G. T. na bella carta transcrita no nosso penúltimo numero?

Não é um abandono de principios o repúdio da nossa acção antimilitarista anterior á guerra? A negação da luta de classes?

E que é então a substituição do nosso internacionalismo antestatista pelo principio vago e traiçoeiro das nacionalidades «independentes» sob a fórmula estatal? (V. o nosso artigo *A pretensa bancarrota da Internacional*, 29 de Novembro).

Que vem a ser a adesão á enganadora fórmula «guerra de libertação», que reabilita e justifica o militarismo e o Estado, transformando numa guerra santa uma

guerra entre governos e entre capitalistas, causada por todos elles?

E não será um abandono de principios o incitamento que revolucionários de França e da Itália fazem ao Estado italiano para que tome parte na guerra?

São transitórios todos esses abandonos? Os transviados e desorientados pela tormenta—coisa natural e prevista—voltarão a combater a burguesia com igual ardor? E' possível. Mas terão semeadura o confusão e o desânimo, terão dado força e argumentos ao inimigo. O anarquismo, o antimilitarismo e o internacionalismo são só para tempo de paz? Os deputados socialistas também nos garantem que não abandonam o socialismo, e alguns afirmam mesmo que são partidários da acção directa.

Emilio Costa não quer revisão de principios—ou se refiram aos fins ou digam respeito ao método geral. Verdadeiramente, não são bem os principios relativos á finalidade comunista-anarquista que estão em discussão; são os principios referentes ao método, de igual ou maior importância, pois o anarquismo não é mera filosofia de gabinete, mas sobretudo um movimento, um partido de acção. E' o método que origina, caracteriza e justifica os partidos; é, conforme o método escolhido, o caminho trilhado, ou vamos ter ao fim que temos em vista, ou a meta diversa e por vezes oposta.

Esperaremos que Emilio Costa se explique sobre as modificações de pormenor que considera necessárias na nossa tática. Mas note que isso é outra questão. Até nós podemos concordar em que certas práticas não deram o resultado desejado e tratar de as corrigir; mas que tem isso que ver com a participação dos anarquistas na guerra?

### O erro fundamental

Malatesta pergunta o que tem a presente guerra de comum com a emancipação humana e com a nossa causa; e o amigo Emilio Costa diz que elle não demonstra a afirmação implicada na pergunta.

Não nos parece difficil, para um anarquista, entender o que Malatesta quer dizer na sua. Uma guerra não é uma luta estabelecida no terreno revolucionário, entre partidos ou entre classes, em que a defesa da liberdade entre como motivo sincero e da qual resulte directamente um aumento de bem-estar e liberdade para os oprimidos. E' uma contenda entre Estados, movidos por interesses financeiros, dinásticos, politicos comerciais, militares, etc. Não está isto demonstrado pela critica socialista e anarquista, apoiada numa montanha de factos?

E' ao camarada Emilio Costa que cumpre demonstrar que a actual guerra não está nesse caso, o que ainda não fez, apesar de a esse escopo ter podido dedicar os dois artigos e pouco de divagações ociosas.

Mas parece-nos que é precisamente aqui que está o erro fundamental do nosso amigo: Emilio Costa assimila tácitamente esta guerra a uma revolução, a uma guerra civil, a uma luta entre a «democracia» e o «despotismo», e, partindo deste principio, deduz com lógica a sua maneira de proceder. E' o que acontece com todos os dedutivos: uma vez admitido o principio, o resto é fácil. E como é intelligente, e á intelligencia se junta uma grande sinceridade, etc., etc. (o nosso bom amigo sabe o resto da ladainha).

Que vemos nós, porém, nesta luta?

Porventura uma classe contra outra? Se assim fôsse, estava naturalmente indicada a nossa intervenção, embora o conflito começasse modestamente, em torno de reclamações mínimas, como uma greve por questões de salário, horas de trabalho ou dignidade. A questão estaria então bem posta, e no bom terreno, podendo facilmente desenvolver-se no bom sentido. Ninguém então regatearia esforços só por se não tratar das nossas reivindicações integrais. Vai vendo o camarada Emilio que não se trata de «absolutismo»?

Se ao menos se tratasse duma revolução politica, embora de carácter democrático, poderia ainda dar-se o caso de devermos intervir, com o nosso método. A luta era entre ideias, e quem sabe lá a direcção e desenvolvimento que ella poderia tomar com a nossa intervenção?

O que vemos, porém, são povos contra povos, sem distincção de partidos, ideias e interesses de classes. O que vemos, de um lado e de outro, são coligações de Estado, despotismos ferozes, imperialismos velhos, adultos ou adolescentes... O que vemos, de um lado e de outro, são os povos vilmente ludibriados e arrastados á carnificina com os fementidos pretextos de defesa da democracia, dos lares, da cultura nacional, da civilização—contra o perigo ataque do estrangeiro.

Ainda que de um lado só houvesse democracias e só autocracias do outro, coisa que não succede, a briga seria porventura entre a democracia e o despotismo? A luta seria entre governos, manejados em todos os paises, com ou sem ficções democráticas, pelas oligarquias financeiras e politicas.

E é porventura nas instituições politicas governamentais que está a garantia das liberdades populares já conquistadas? E' o governo ou o povo que conquista e mantém as mínimas liberdades?

E é a guerra modo de defender a liberdades em qualquer país? Ou não trará em todos elles o triunfo da pior reacção? Na Rússia o tsarismo redobrou de ferocidade contra os revolucionários e simples liberais, assim como contra os judeus e polacos. Na Alemanha, é aquella vergonha da social-democracia do Kaiser, as últimas liberdades suprimidas, todo o país sob a bota militar. Na Inglaterra, é mais respeitada a liberdade de pensamento, graças ás suas especiais condições geográficas e históricas, á necessidade que tem o governo de recrutar voluntários; mas aumenta enormemente o partido do serviço militar obrigatório. Em França, fortalece-se assustadoramente o partido militar e clerical, há a censura, a supressão de jornais, como a dum jornal socialista russo, simplesmente teórico, as violências como a que acaba de ser exercida contra Sebastião Faure, por um simples manifesto pacifista. Em compensação, alguns camaradas começam a sentir esfriar os entusiasmos irreflectidos dos primeiros momentos e alguns têm a coragem de confessar o erro de certos actos seus.

### Consequências indirectas

—Mas a guerra influirá indirectamente sobre as ideias e a obra de emancipação social, e em maior ou menor grau, conforme o resultado do conflito.

Assim diz, em substancia, Emilio Costa, ao occupar-se do desejo que Malatesta exprime de ver derrotada a Alemanha.

Ora, muito obrigado! Todos os actos e acontecimentos influem no

A CULTURA ALEMÃ

A Alemanha literária e sábia de outrora e a de hoje

os patriotas. O mesmo a respeito das responsabilidades...

Franquezinha franca

Na ponta das espadas: Assim, e não sem arregaço, nos receberam os nossos amigos...

E' o Germinal que nos diz isto, no seu n.º 3. E como nós não somos de arcais encoiradas...

Não nos parece termos usado dureza nem arregaço, e quanto á tal preocupação deontológica...

E, com franqueza, não foi um erro o próprio aparecimento do Germinal? Atravessamos uma grave crise...

Admitamos, porém, que os camaradas do Germinal achassem necessária a existência dum novo periódico...

Tanto mais que, como noutra lugar se verá, os camaradas do Germinal chegam ao despropósito...

Mas os camaradas do Germinal não terão compreendido a delicadeza da nossa situação...

Há Kultur e Kultur

O doutor Otto Sattler, secretário da Associação Alemã de Cultura, declarou num discurso...

O doutor Sattler acrescentou que a guerra foi causada pela camorra militar germânica...

Numerosas pessoas, evidentemente animadas de desprezível espírito de seita...

Mas se existem teutões estúpidos, cruéis e odiosos, outra Alemanha, essa realmente cultivada, se revelou já outrora...

A este propósito, Fernand Clerget publicou em 1911 um livro literário sobretudo documental...

Lutero, diz o autor, vibrou o mais rude golpe ao latim na Alemanha; abre a história literária moderna do seu país...

Riotor retoma o seu assunto remontando ás origens. Outrora a Germânia tinha bardos; Carlos Magno desportou o gosto da literatura...

Pelos fins do século XIII, reina uma poesia didáctica, fria e pesada; nos meados do XIV, floresce uma nova época literária...

ros» do norte da Africa pelos «civilizados» europeus—franceses, italianos, etc. As guerras entre Estados capitalistas...

Mas isso é o menos, porque Malatesta faz depender a cooperação de todos da renúncia aos privilégios...

Se não há renúncia aos privilégios, diz Malatesta, os oprimidos devem aproveitar o ensejo para conquistar a liberdade.

E' possível, e Malatesta bem o sabe: ninguém como elle mostrou de antemão essas dificuldades...

Uma leva

Madrugada fria e triste dum dia do mez de janeiro... No céu, as poucas estrelas que ainda brilham...

As ruas coalhadas de gente, deixam-nos a dolorosa impressão de coisas graves, de scenas lancinantes, de tristezas e lágrimas...

Súbite a máquina solta um silvo agudo que faz desprender os militares daqueles de quem se despedem...

Retirei-me. Pelo caminho conjecturei mil coisas. Revoltei-me ao ver partir assim, passivamente...

Retirei-me. Pelo caminho conjecturei mil coisas. Revoltei-me ao ver partir assim, passivamente, para a guerra...

F. BENTO DA CRUZ.

Propaganda Libertária—Este grupo reúne hoje pelas 20 horas no local do costume.

nosso movimento, e mais ou menos favoravelmente, segundo as soluções. Por desejarmos uma solução...

Além dos exemplos que citamos em 29 de Novembro é dos que Malatesta aponta no artigo que inserimos em 10 deste mês...

Demais, trata-se dum previsão, de que Malatesta não faz questão, considerando-a independente da atitude a tomar pelos anarquistas...

—Mas formular tal desejo já é colaborar com os Aliados.

Essa é muito boal raro é o acto, a palavra nossa, que não favorece momentaneamente um dos nossos adversários...

Um exemplo: as sopas populares organizadas pelas Unões de Sindicatos, resolvendo o problema da fome...

Malatesta colabora indirectamente com os Aliados por meio dumá idea—força, diz o nosso bom amigo...

—Questão de graus, diz ainda o nosso amigo. Decerto: tudo neste mundo é questão de graus...

Invasão de bárbaros

Casos há, diz Malatesta, em que todos devem fazer causa comum: por exemplo, uma epidemia um terramoto...

—E Emilio Costa pressuroso: e o nosso caso, invasão de bárbaros.

Verdadeiramente, bárbaros são os povos de civilização pre-capitalista, que podem invadir, sem provocação alguma...